



EDITORIAL

“Não espere eu ir embora ‘pra’ perceber”

Uma mulheragem à professora Ana Paula Palamartchuk

Anderson da Silva Almeida

andersonhistoriauff@gmail.com

Professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Possui graduação em História pela Universidade Católica do Salvador (BA), Especialização, Mestrado e Doutorado pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

 orcid.org/0000-0002-8532-851

 [10.28998/rchv14n27.2023.0001](https://doi.org/10.28998/rchv14n27.2023.0001)



Na caixinha de som continua a tocar *Me adora*, da roqueira baiana Priscilla Novaes Leone – a Pitty – entre vinhos e brejas, livros e pelejas, em algum lugar de Maceió, em alguma vitrola da selva de pedra paulistana. Na letra da canção, frases fortes que ainda ecoam nos tímpanos de quem se propõe a parar, em meio ao imenso frenesi cosmopolita das cidades barulhentas, engarrafadas, partidas, violentas. Das sentenças imperativas, é possível ouvir o timbre tchukiano: *Cuidado quando for falar de mim!* Haja cuidado, mana. Feminista, anarquista, trabalhadora da educação, historiadora, migrante, arredia, indisciplinada, livre, independente...

Há outra passagem, da mesma canção, que fiquei a imaginar um endereço numa cidade verde, fumante, boêmia, chamada... Ana, na rua Paula, em que sairíamos a procurar o endereço “thuck”. Porém, naquela urbe, as casas, apartamentos e palafitas não são identificadas por números, e sim por frases e outros signos. Em uma das portas, o símbolo antifas; uma fotografia de um “all star” branco com um picho amostrado a gritar: *não importa se eu não sou o que você quer*. Pronto. É aqui que ela mora.

“Saca só. Sou eu mesma. Quer trocar uma ideia?” Bora. É sobre o novo número da Revista, que engarrafou desde 24 de março¹. “Por quê”? Você sabe, mana. Queremos te fazer uma homenagem, pode ser? “Homenagem não, p. só se for mulheragem, [b]aralho”. *Só não desonrem meu nome. Podem dizer que me adoram, que me acham f.d.a e não esperem eu ir embora pra perceber*. “Sacou? Mas...olha só! Me fala como está o novo número. Parei de acompanhar a editoria do fluxo e não devo explicação a vocês”. Beleza, p. aí vão as infos. Peço-lhe desculpas que agora tenho que ser mais formal. “Te entendo, mas não concordo. Mande aí que vejo depois. Vou ali ouvir a Pitty. Não me perturbem...p. Fui”!

¹ Ana Paula Palamarthuck faleceu em 24 de março, em São Paulo, quando se recuperava de uma cirurgia ortopédica e foi acometida por um mal súbito. Era professora da Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal de Alagoas e responsável pela editoria do Fluxo Contínuo de nossa Revista. No dia seguinte ao seu falecimento, a UFAL publicou a seguinte nota: <https://ufal.br/servidor/noticias/2023/3/nota-de-pesar-professora-ana-paula-palamartchuk>. Acesso em: 26 jul. 2023. Seguiram-se homenagens do Diretório Acadêmico de História (DAHIS) e o Colegiado decidiu por nomear “Ana Paula Palamarthuck” a Biblioteca Setorial do Curso. Também ocorreram diversas manifestações emocionadas nas redes sociais. Dentre elas, do professor Álvaro Pereira do Nascimento, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, contemporâneo de “Paulinha” nos estudos, pesquisas e brejas na Universidade de Campinas (Unicamp).

Em seu número 27, volume 14, a Revista Crítica Histórica (RCH) traz em sua composição duas seções. Na primeira parte, um Dossiê organizado pelos/as professores/as Gustavo Manoel da Silva Gomes da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Rosely Tavares de Souza, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Eduardo José Silva Lima (Unitins/UFG), com o tema “Debates Contemporâneos: narrativas sobre culturas e cidades (séculos XX e XXI) cuja *Apresentação*, em detalhes, aparece na sequência. A Editoria do Dossiê traz as tintas da professora Dr.^a Luana Teixeira (PPGH-UFAL), em mais um belo trabalho de mediação, compromisso e de competência técnica e acadêmica.

Na segunda parte, no Fluxo Contínuo, agradecemos aos/às autores/as pela paciência da espera após o falecimento repentino da professora Ana Paula Palamartchuk, nossa editora de Seção, que nos pegou de surpresa. Ainda visualizamos um intenso trabalho no horizonte, até que as coisas voltem ao seu ritmo “normal”, em um país que ainda tenta recolher os cacos de tudo que ocorreu nos últimos sete anos (2016-2022) no campo científico, principalmente nas Ciências Humanas.

Mesmo assim, em um exaustivo trabalho coletivo da nossa Comissão Editorial, apresentamos a vocês quinze textos inéditos, sendo sete no Dossiê e oito no Fluxo Contínuo. Agradecemos aos/às pareceristas, sem os/as quais nada disso seria possível. Sigamos, pelas ruas, becos, avenidas e vielas das cidades. Nelas, encontraremos povos originários, mulheres em luta, políticos, violências, trabalhadoras e trabalhadores, estradas, doenças e fé.

Bem-vindos/as/es à nossa urbe!

Maceió, 26 de julho, inverno de 2023.

Anderson da Silva Almeida